

CADERNOS DE RECEITAS: APONTAMENTOS INICIAIS

SARA CORADI¹; RENATA MENASCHE²

¹UFPel 1 – sara.coradi@gmail.com 1

²UFPel – renata.menasche@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo é referente à pesquisa desenvolvida enquanto atividade da bolsa de Iniciação Científica vinculada ao Projeto de Pesquisa *Alimentação e consumo nas sociedades contemporâneas* e parte da pesquisa associada ao trabalho de conclusão de curso do curso de Antropologia. O objeto de estudo são cadernos de receitas originários da região rural de Pelotas, que fazem parte do acervo do Grupo de Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares – HISALES.

O principal objetivo da pesquisa, em andamento, é analisar os cadernos de receitas a partir de aportes da antropologia da alimentação e dos estudos da cultura material (abrangendo Arqueologia), tomando as receitas culinárias como linguagem e o estudo da alimentação e cultura como abordagem para o estudo do rural. Nesse resumo serão abordados resultados preliminares, referentes à inserção em campo e aos aportes teóricos apropriados até o momento.

2. METODOLOGIA

Em um primeiro momento, foram realizadas leituras na área antropologia da alimentação, teoria e metodologia em antropologia. Num segundo momento, procedeu-se à análise dos cadernos de receitas em sua constituição física, quantos são e o que contêm. Num terceiro momento, deu-se o contato com as pessoas que doaram os referidos cadernos ao laboratório.

A escolha por trabalhar com essas pessoas que doaram os cadernos – no caso, referentes a uma família - pareceu-nos mais interessante do que a busca por outros interlocutores. Após o primeiro contato com a interlocutora, Vitória¹, e a aceitação em participar da pesquisa, conversamos algumas vezes sobre os cadernos e as histórias a que remetem. Busquei recolher informações que pudessem contextualizar esses objetos, assim como ouvir o que de novo podia existir a respeito. Esses foram os primeiros passos do trabalho, que terão continuidade em conversas com outros membros da família.

Durante as entrevistas, utilizei-me de um pequeno caderno de campo, fiel auxiliar do trabalho antropológico, com o qual fiz anotações curtas, que, em um segundo momento, desdobraram-se em narrativas, em um diário digital.

¹Os nomes próprios aqui utilizados são fictícios, o que é decorrente de uma opção metodológica que respeita o desejo expresso por interlocutora e advém de reflexão sobre as dimensões éticas da pesquisa e de inquietações sobre a preservação da identidade e intimidade dos interlocutores. Visa evitar possíveis repercussões negativas do trabalho, ao mesmo tempo em que funciona como forma do pesquisador assumir responsabilidade sobre o discurso produzido. É também característica constitutiva do texto antropológico, que por meio de uma descrição densa da realidade social, cria narrativas ficcionais sobre a vida, cujo valor está antes na descrição e interpretação que na reprodução de uma suposta realidade concreta, representada por nomes verdadeiros (FONSECA, 2008).

Na sequência do trabalho, é prevista a utilização do método etnográfico, forma de obtenção e interpretação de dados balizada pelas categoriais e conceitos da antropologia (OLIVEIRA, 2006). Fundada no contato direto com o outro por meio do trabalho de campo, a coleta dados é a base da reflexão antropológica (DAMATTA, 1981).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O material em análise é constituído por dois cadernos de receitas, um data de 1990-1991 e o outro de 1987. O primeiro conta com 158 receitas e o segundo 74. Ambos foram escritos por membros da família Gomes. As receitas são, em sua maioria, receitas doces de bolos, pudins e tortas.

Gomes é o sobrenome do avô paterno de Vitória. Uma grande família que vive e viveu em localidade rural situada em município vizinho a Pelotas. Glória casou-se com Paulo e dessa união nasceram 12 filhos, seis homens e seis mulheres. Vitória é filha de um desses filhos. Os cadernos de receitas doados ao Hisales foram escritos por suas tias.

A inserção a campo ocorreu, como já disse, por meio de Vitória, associada ao Hisales como pesquisadora. Em nossas conversas, percebi como sua avó Glória teve um papel central na história, pois era ela quem estava por trás das receitas da casa, quem as administrava e ensinava.

Dado o contexto familiar da pesquisa, é interessante pensar numa possível associação entre comida e emoção na perspectiva de que a comida envolve emoção, trabalha com a memória e com sentimentos. As expressões “comida da mãe”, ou “comida caseira” falam disso (MACIEL, 2001, p. 152). Dessa forma a história da família, contada por meio dos relatos dos cadernos desperta e carrega emoções.

Como sugerem Gomes e Barbosa (2004, p.5) a partir dos cadernos de receitas podemos “mapear e reconstituir alguns espaços e tópos (como a casa, a cozinha, o corpo), papéis e relações sociais (homens/mulheres, relações de gênero, maridos, pais, donas de casa, mãe, esposa, casal, filhos, namorado, amantes etc), sentimentos e afetos”.

Um olhar sobre os cadernos de receitas proporciona apreender a alimentação a partir de uma perspectiva simbólica, pois a comida constitui uma linguagem e fala de acordo com as classificações do que é e do que não é comível. Nas palavras de Woortmann (2013, p. 9): “a gama de elementos comestíveis para o ser humano, isto é, disponíveis na natureza para consumo humano, é muito maior do que a quantidade de elementos culturalmente selecionados e aceitos”.

Assim sendo, é possível pensar o universo de significado dos alimentos, já que não são apenas ingeridos, mas também pensados. Há regras do que se deve e do que não se deve comer, ou ainda do que nós comemos e do que os outros comem. Ainda, não só o que se come tem significado, mas também o próprio ato de comer (WOORTMANN, 2013).

Tudo isso confere ao tema um rico campo de possibilidades interpretativas a serem exploradas. Outro tema que poderá ser problematizado no desenvolvimento do trabalho é o gosto, entendido como experiência transmitida culturalmente. Gosto como saber, que determina o que é bom ou ruim para uma

coletividade, pois a comida não é boa ou ruim por si só, as classificações são definidas culturalmente (MONTANARI, 2008).

4. CONCLUSÕES

Uma das complexidades deste tipo de pesquisa, em um ambiente semelhante àquele da pesquisadora, é a suposta familiaridade que as coisas podem ter. Temos, porém, que levar em conta que o fato de pertencer a uma mesma sociedade não quer dizer que estejamos mais próximos de um determinado contexto: “O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente *conhecido* e o que *não vemos e encontramos* pode ser exótico mas, até certo ponto, *conhecido*” (VELHO, 1978, p. 39). Sendo assim é um exercício antropológico entrar em contato com uma realidade de significados que parece próxima, porém tem suas próprias especificidades.

Podemos pensar que a comida pode ser uma forma de contar histórias. Por meio da memória sobre as receitas e os cadernos, é possível construir uma narrativa da memória social. Comida e memória estão relacionadas à cultura. Como já foi evidenciado, os cadernos guardam muito mais informações do que as receitas neles contidas, guardam memórias pessoais e familiares. Pelo viés das receitas, é possível falar sobre cultura, sobre pessoas, sobre identidades. As receitas falam de um saber compartilhado, de um fazer específico, de um gosto socialmente construído (AMON; MENASCHE, 2008).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMON, D.; MENASCHE, R. Comida como narrativa da memória social. **Sociedade e Cultura**, v.11, n.1, jan/jun, p.13-21, 2008.
- DAMATTA, R. **Relativizando**: uma introdução à Antropologia Social. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 143-150.
- FONSECA, C. O anonimato e o texto antropológico: Dilemas éticos e políticos da etnografia ‘em casa’. **Teoria e Cultura**, Juiz de Fora, v.2, n.1 e 2, p. 39-53, 2008.
- GOMES, L. G.; BARBOSA, L. Culinária de papel. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 3-23, 2004.
- MACIEL, M. E. Cultura e alimentação ou o que têm a ver os macaquinhas de Koshima com Brillat-Savarin? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 7, n. 16, p. 145-156, 2001.
- MONTANARI, M. **Comida como cultura**. São Paulo: SENAC, p.95-102, 2008.
- OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: UNESP, 2006, p. 17-35.
- WOORTMANN, F. E. A comida como linguagem. **Habitus**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 5-17, 2013.
- VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 36-46, 1978.